

AALO

ano IX . # 45

MIEL DE IDEAS

REINALDO Jr.

GEORGE DUREAU

KIEF KANATA

DISMORFIA

FALO© é uma publicação bimestral.
novembro 2026.
ISSN 2675-018X
versão 20.11.26

edição, redação e design: *Filipe Chagas*.
corpo editorial: *Dr. Alcemar Maia Souto* e *Marcos Rossetton*.
site: *Pedro Muraki*.

capa: *Costa Brava*, lápis e acrílica sobre papel de Miel de Ideas, 2024.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (*falonart@gmail.com*) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail *falonart@gmail.com* e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail *falonart@gmail.com*.

FC Design
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ 22241-000



COMPRE PRODUTOS ***FALO***
COLAB55

Sumário







MIEL DE IDEAS 6

REINALDO JR. 20

FALO DE HISTÓRIA
George Dureau 34

FALO em FOCO
Kief Kanata 50

ESPECIAL
Dismorfia, Desejo e Masculinidade 60

FALÓFORO 72

FLACCID ZINE
O pau como régua moral 78

CONTOS DO FALO
A mulher das longas pernas... 84

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor 86

FALO com VOCÊ 88

moNUmento 91

Editorial

Nota sobre nudez:
Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina (cis/trans) na Arte. Há, portanto, imagens de genitais. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

Novembro é o mês azul, o mês da conscientização sobre a saúde integral do homem (mas deveria ser sobre a saúde de todas as pessoas com próstata). E é por isso que a Falo fica azul. Dessa vez, não só em seu projeto gráfico, mas trazendo um artista de capa que tem na cor primária uma assinatura.

A partir da ideia de integralidade, essa edição se expande no que entendemos como corpo masculino padrão e revela como há uma construção psíquica sócio-cultural e histórica que atravessa todos os gêneros e orientações sexuais. Seja na fotografia de outros ou no autorretrato, aqui você verá uma diversidade de corpos que questiona o contexto hegemônico e desafia os nossos (pré)conceitos.

Aqui eu abro mão da minha coluna (*Falorragia*) e dou espaço para o psiquiatra Guilherme Navarro explicar o quanto a pressão sobre nossos corpos causa modificações emocionais, comportamentais e cognitivas. Sim, estou falando mais uma vez sobre Dismorfia – transtorno abordado brevemente na quarta edição (2018) e com mais profundidade na oitava edição (2019), onde também dou um depoimento pessoal. Esse assunto se conecta diretamente com o texto de Rodrigo Turra, em sua coluna *Flaccid Zine*, quando ele aborda o tamanho do pau sendo usado como régua moral e qualitativa, e no aconselhamento de Rigle, em sua coluna *Falo com Você*, sobre a quantidade de "porras neuróticas" que criamos e deixamos de gozar… a vida!

Você verá também a última coluna *Falóforo*. Desde a quinta edição (2018), Guilherme Correa convida artistas para fazerem releituras de sua produção fotográfica. Mais do que 40 edições, temos um portfólio de linguagens e corpos. Mais do que uma parte da revista, temos colaboração, parceria e fraternidade. A vida segue, a revista segue, mas o que foi construído fica pra sempre. Obrigado, Guilherme. Te amo, meu amigo.

Essa é uma daquelas edições que tem a pretensão de tornar você, leitor, alguém diferente. E, sinceramente, eu duvido que você não se sinta outro/a.

Prepare-se.

Filipe Chagas
criador e editor

Miel de Ideas

por Filipe Chagas

CRISTÓBAL LLANOS



Nascido no Chile, em 1983, **Cristóbal Llanos** – conhecido nas redes por Miel de Ideas – começou a desenhar ainda na infância, quando os livros ilustrados eram refúgio para sua imaginação e os personagens da Disney e das séries japonesas alimentavam suas primeiras criações. Ainda adolescente, participou de oficina de pintura na escola, exposições e concursos. Aos 16, mudou-se para a Espanha, onde concluiu o ensino médio e se graduou em Ilustração. Hoje, sua produção explora a plasticidade do corpo masculino por meio da desconstrução das formas e da geometria.

Seu processo criativo é espontâneo: uma imagem encontrada durante um filme, nas redes sociais ou nas páginas de uma revista pode desencadear imediatamente seu desejo de pintar. O artista ainda reúne referências que atravessam diferentes épocas e linguagens: da escultura grega à arte tribal africana, de Caravaggio, Bosch e Picasso a fotógrafos como Robert Mapplethorpe, Herb Ritts, Tom Bianchi e Tamotsu Yato, além de imagens vintage de publicações e estúdios dedicados à fotografia masculina, como Colt, Honcho e Falcon.

Seu trabalho caracteriza-se pelo uso de lápis de cor e tinta acrílica: o primeiro confere espontaneidade, permite retoques durante o processo e confere aquele aspecto de esboço – uma espécie de "esqueleto" que ele tanto aprecia –; já a acrílica possibilita explorar detalhes, luzes e volumes mais contrastados e saturados para criar obras mais precisas e delicadas. Ele utiliza esses materiais sobre diversos suportes analógicos (papel, tela, madeira, vidro e cerâmica), posicionando-se fortemente contra o uso de IA na criação de imagens que se alimentam da obra de outros artistas sem o devido consentimento e "são ausentes de alma, sentimento e vida".

Ao falar sobre as razões de retratar a figura masculina, o artista é direto:

Porque é bela, é maleável, está viva e tem alma. Não gosto de pintar paisagens, então pinto corpos – que são paisagens vestidas de erotismo.







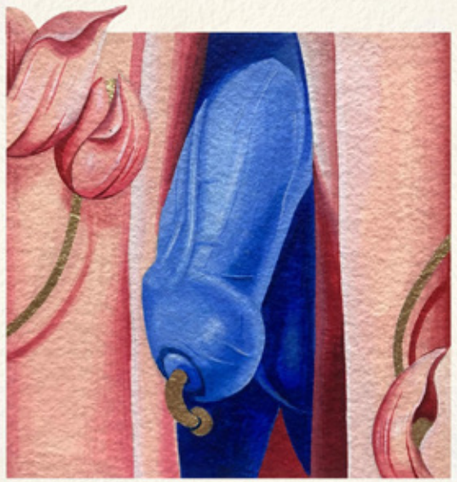




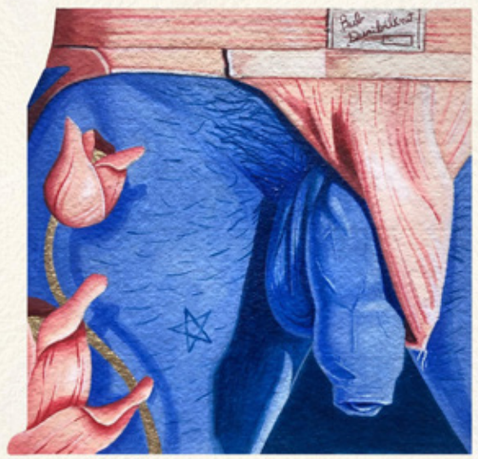
A resposta sintetiza uma relação com o corpo que não se restringe à anatomia, mas reconhece nele uma potência expressiva. Para o artista, o corpo humano é uma obra de arte, uma percepção que encontra ecos na longa história de sua representação, da Antiguidade clássica ao Renascimento e às vanguardas modernas.

A passagem da figura feminina para o nu masculino marcou uma abertura de possibilidades em sua trajetória. Se antes pintava mulheres voluptuosas, vestidas com sensualidade e exuberância, o encontro com o corpo masculino revelou um universo que continua a explorar. Braços musculosos, veias, pescoços largos, orelhas grandes e olhares recebem atenção, mas são o pênis, os testículos e o púbis que ocupam um lugar especialmente significativo em sua produção.









Me sinto confortável e me concentro bastante nos detalhes, como se estivesse pintando um rosto. As veias, a glande ou o prepúcio, garantindo que os testículos tenham peso, que os pelos pubianos sejam grossos, etc.

O nu frontal não aparece como um detalhe secundário, mas como parte integrante de sua investigação plástica. Até mesmo a preferência por representar o pênis flácido revela uma negociação entre a liberdade de criação e os limites impostos pelas plataformas digitais, especialmente pelo Instagram, onde divulga seu trabalho.













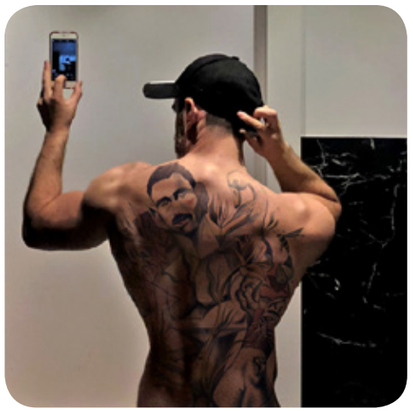


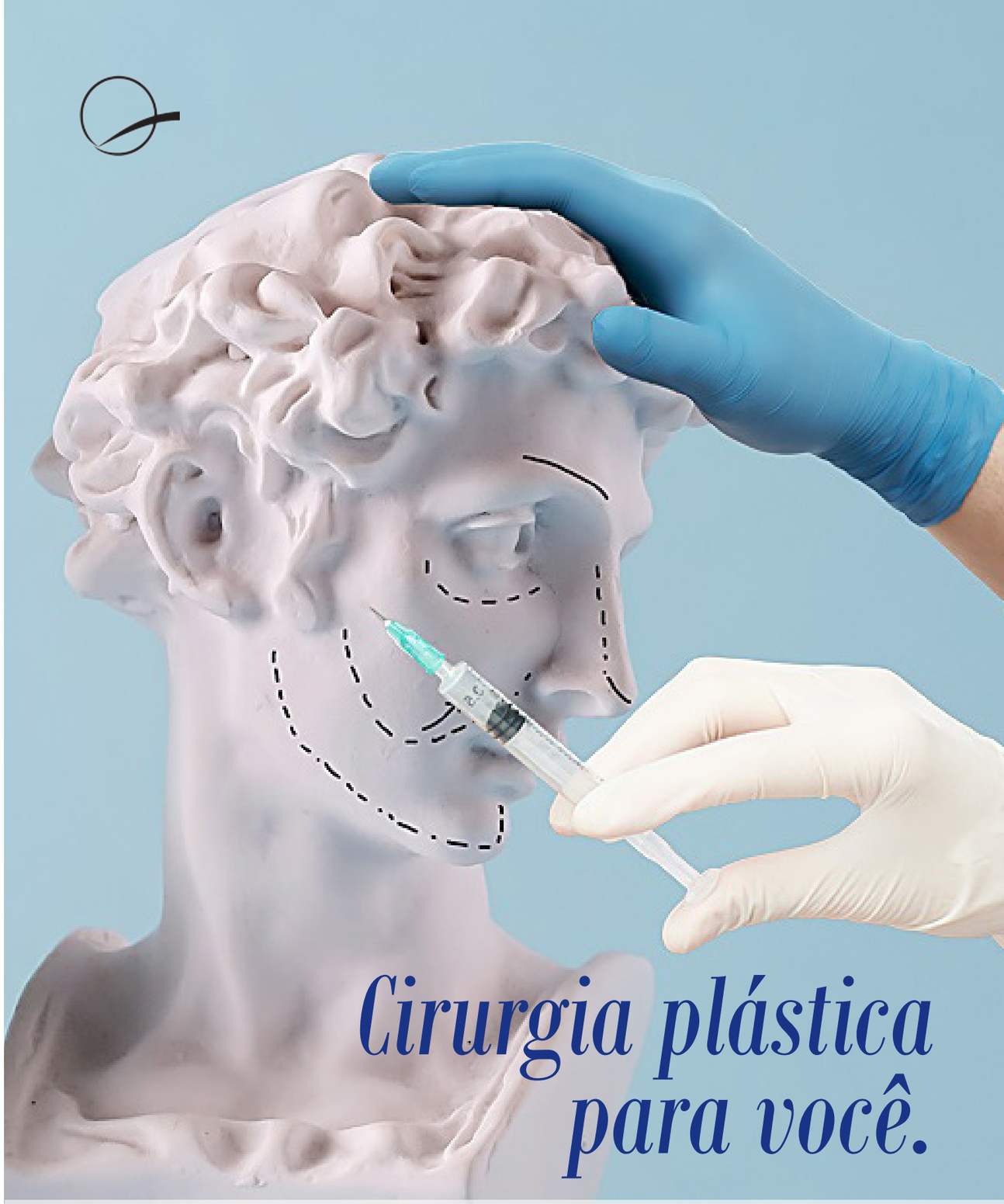


A cor azul praticamente se tornou marca registrada da sua produção, pois, para ele, oferece uma variedade maior de tonalidades:

> *Me parece uma cor poética e dá um bom contraste para as imagens que pinto. É uma cor relaxante, melancólica, etérea; é o céu e o mar, e os corpos que pinto não são anatomicamente perfeitos. Pelo contrário, são exagerados, com formas planas e profundidade que se misturam, e o azul torna esse estilo ainda mais irreal.*

Sem reivindicar para si a definição de artista como um título absoluto, Cristóbal prefere que seu trabalho seja reconhecido pelo que provoca no outro: inspiração, entusiasmo, imaginação. Seu desejo para o futuro é continuar pintando e, um dia, conseguir viver da própria arte. Aos artistas que também investigam o nu masculino, indica que é preciso encontrar a própria linguagem e explorar aquilo que cada um tem de mais forte. **8=D**





Reinaldo Jr.

por Filipe Chagas



Formado em Sistemas de Informação e atuante na área de tecnologia há 17 anos, o fotógrafo paulista **Reinaldo Jr.** sempre se interessou por música, pintura, literatura e cinema. A relação com a fotografia começou a ganhar novos contornos em 2017, quando decidiu se dedicar mais intensamente à produção de seus próprios trabalhos. O que começou com registros de amigos e familiares foi, aos poucos, encontrando um caminho próprio, especialmente a partir da divulgação de suas imagens na internet e do interesse despertado no público LGBTQIAPN+.

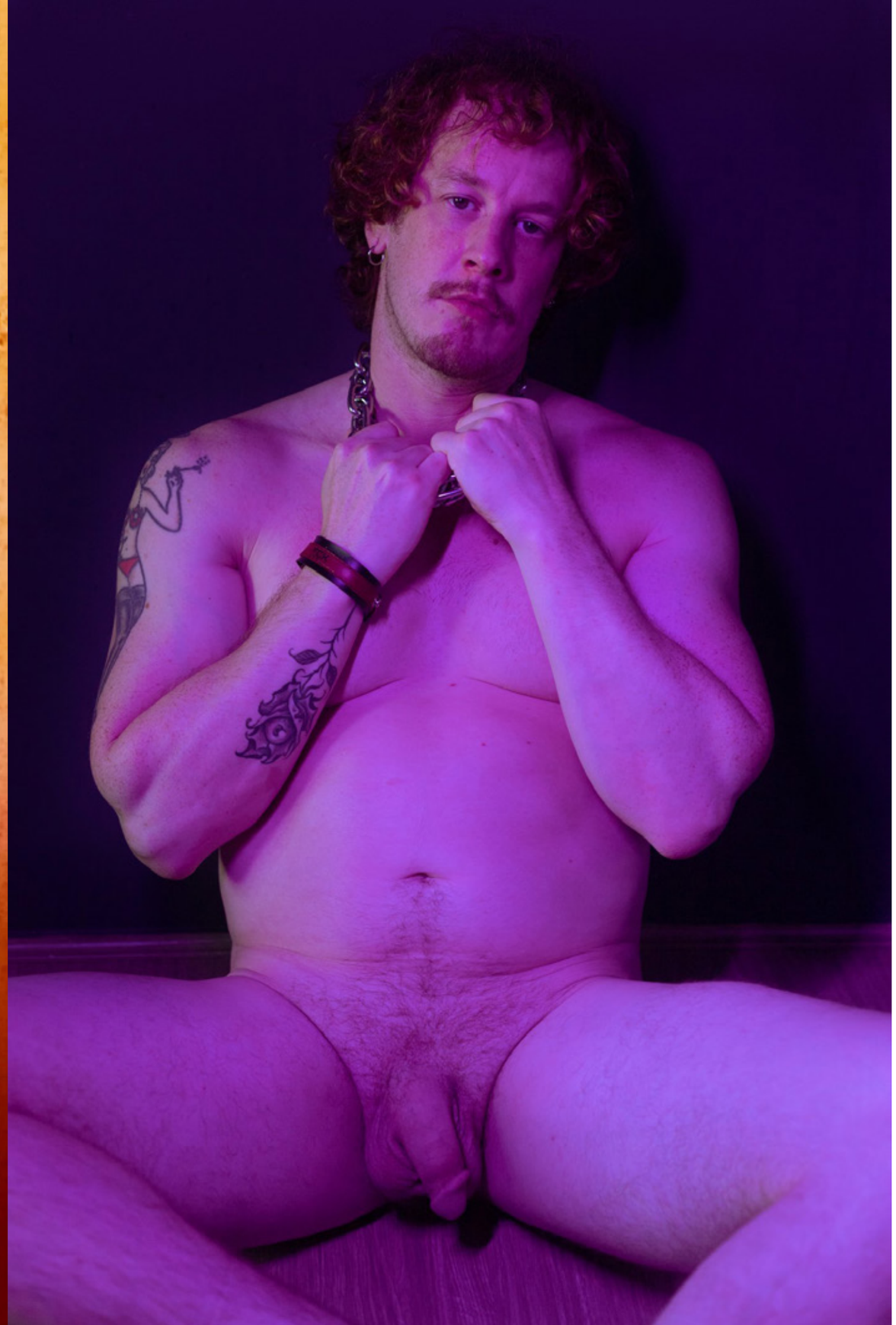
Embora reconheça que seu estilo foi se construindo ao longo do tempo, Reinaldo reúne referências diversas em seu repertório visual, como, por exemplo, a intensidade cromática de David LaChapelle, o imaginário homoerótico de Tom of Finland, a elegância dos retratos de Peter Lindbergh, o erotismo cinematográfico de Gaspar Noé e os contrastes de luz e sombra de Caravaggio. Essa combinação de inspirações ajuda a compreender uma produção que encontra na figura masculina um campo de experimentação estética e intimidade.

Seu processo criativo começa com uma ideia que leva a uma busca por referências e pessoas dispostas a colaborar. Os conceitos dos ensaios se desenvolvem por meio de conversas e trocas que podem durar vários dias. No momento da sessão, porém, o planejamento abre espaço para o inesperado. A espontaneidade é parte importante do processo: embora exista uma proposta inicial, novas possibilidades podem surgir durante o encontro entre fotógrafo e modelo.









A figura masculina ocupa um lugar central em seu trabalho por uma razão que é, ao mesmo tempo, pessoal e artística. Como homem gay, Reinaldo reconhece seu fascínio pelo corpo masculino e encontra na fotografia uma maneira de compartilhar esse interesse com outras pessoas. Sua primeira experiência nesse universo aconteceu durante um relacionamento amoroso, quando passou a explorar fotograficamente o corpo masculino em momentos de intimidade. Em 2024, lançou o projeto *King Fantasy* para criar narrativas visuais homoeróticas, onde o corpo masculino é, ao mesmo tempo, objeto de fascínio, matéria de criação e território de diversidade — um convite para que a beleza não seja limitada por padrões rígidos, mas reconhecida em suas múltiplas formas de existir.



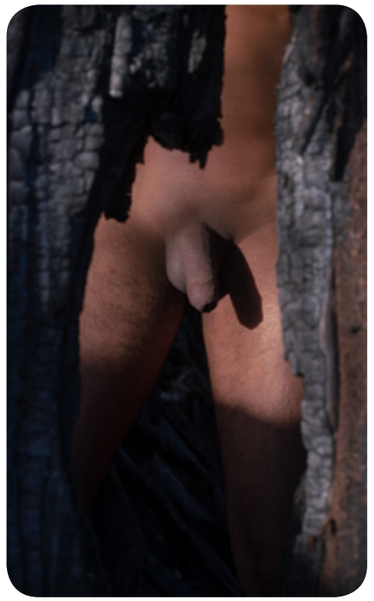


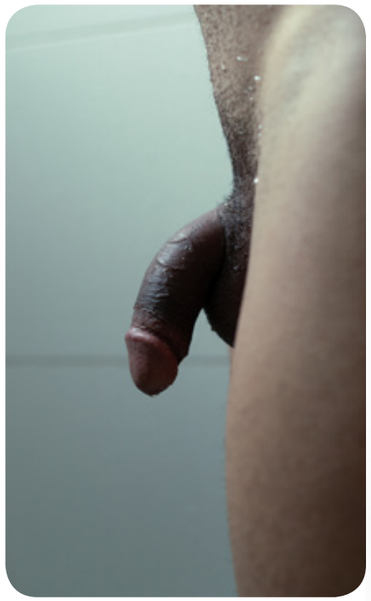


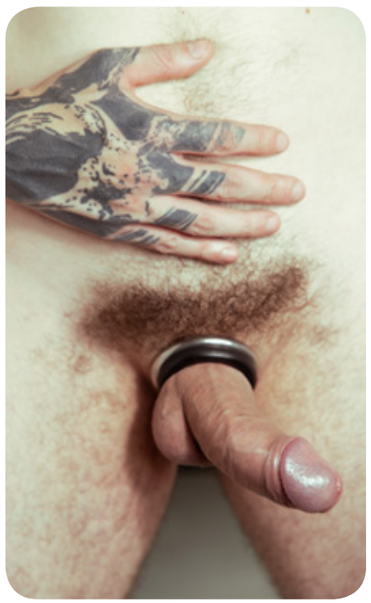
O fotógrafo procura reconhecer as particularidades de cada corpo, valorizando aquilo que o torna visualmente singular. Essa perspectiva se torna especialmente significativa quando o assunto é o nu frontal masculino. Para ele, a representação explícita dos genitais pode contribuir para questionar inseguranças a partir de imagens que ofereçam reconhecimento e representatividade.

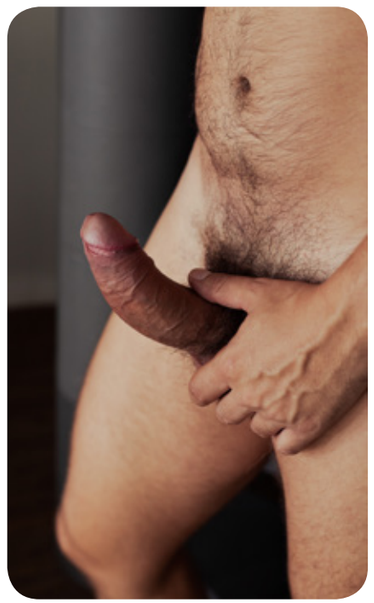
Muitos homens têm complexos em relação ao tamanho e à forma de seu pênis. Por meio dos ensaios, procuro mostrar a beleza e a diversidade dos genitais, para que, de alguma maneira, quem os veja possa se sentir representado.

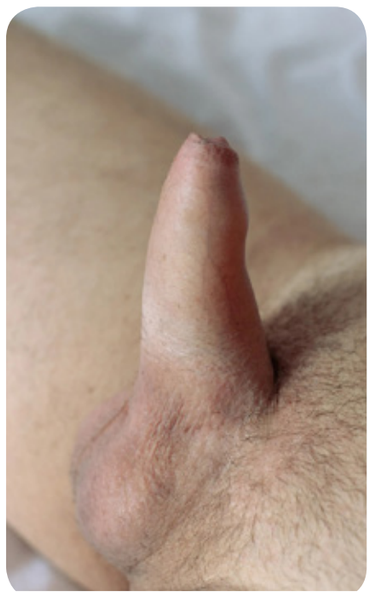








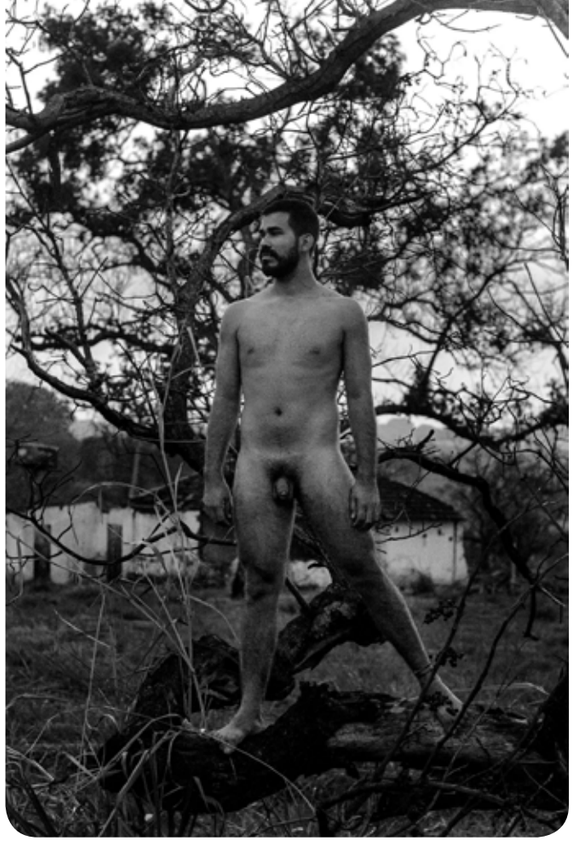




Ao afirmar que existe beleza tanto no falo ereto quanto no flácido, o fotógrafo amplia as possibilidades de representação e se distancia de uma visão restrita do corpo masculino, frequentemente condicionada pelo desempenho sexual e pelos padrões de virilidade. Essa preocupação também se manifesta em sua expectativa de que a figura masculina seja cada vez mais reconhecida na arte para além da força e da potência física. Ele deseja que os homens sejam representados também por sua sensibilidade, emoção e vulnerabilidade, abrindo espaço para outras formas de olhar, perceber e reconhecer o corpo masculino para além da contemplação estética ou da expressão do desejo.











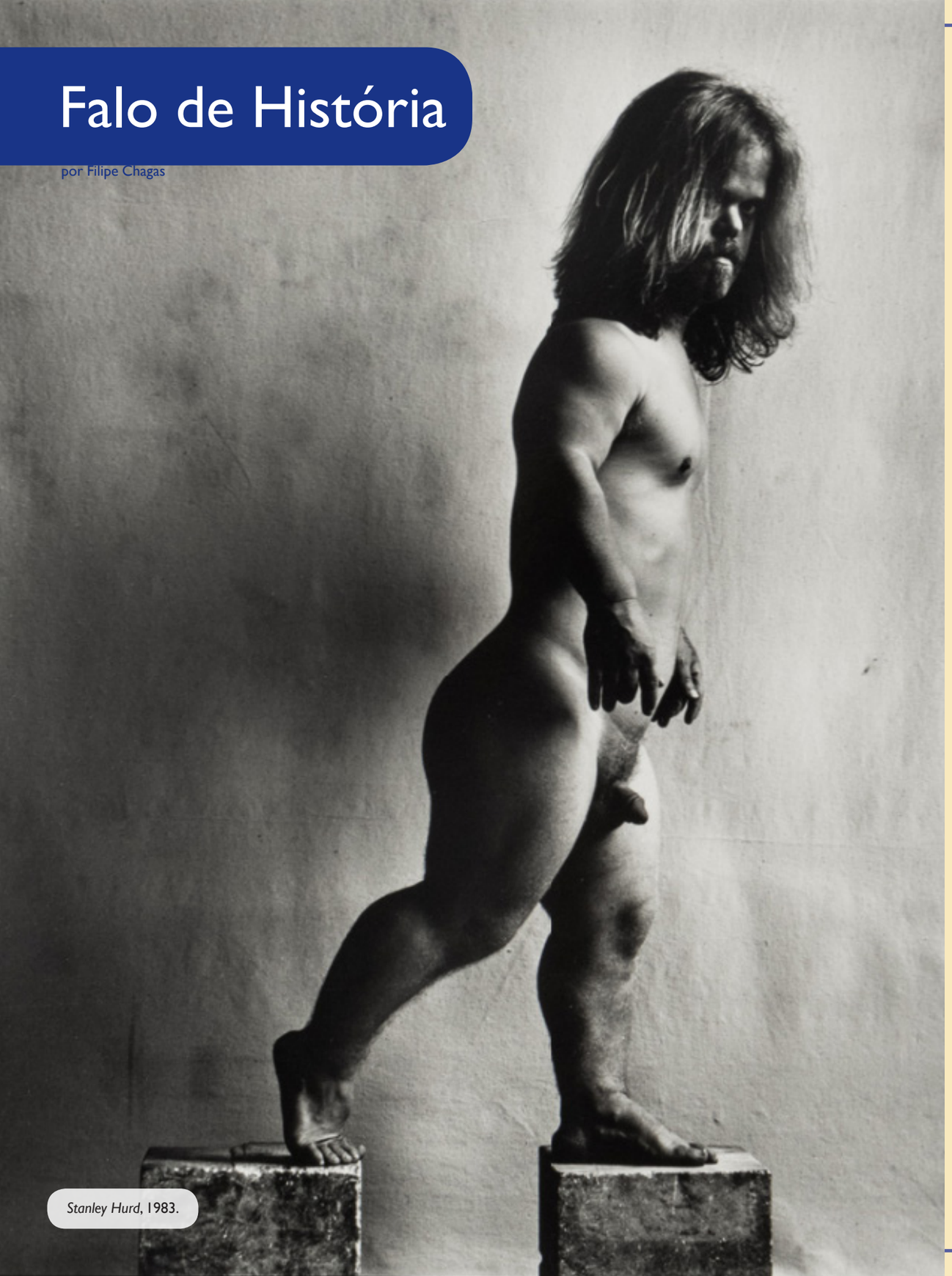
Autorretrato.

Ao aconselhar outros artistas que trabalham com o nu masculino, Reinaldo é direto:

> *Defendam sua arte com afinco, mesmo que forças externas a ameacem. No final vale muito a pena.*

A frase sintetiza não apenas sua persistência, mas também a importância de sustentar uma produção artística que ainda enfrenta resistências. **8=D**

por Filipe Chagas



Stanley Hurd, 1983.

George Dureau

1930-2014

Se é que contribuo com algo relevante para a fotografia, é provavelmente isto: a minha capacidade de retratar, simultaneamente, a sexualidade que o modelo traz em sua mente — ou em sua vida — por meio de seu rosto.



Retrato de um loiro nu e um anão negro, técnica mista sobre papel, 1960.

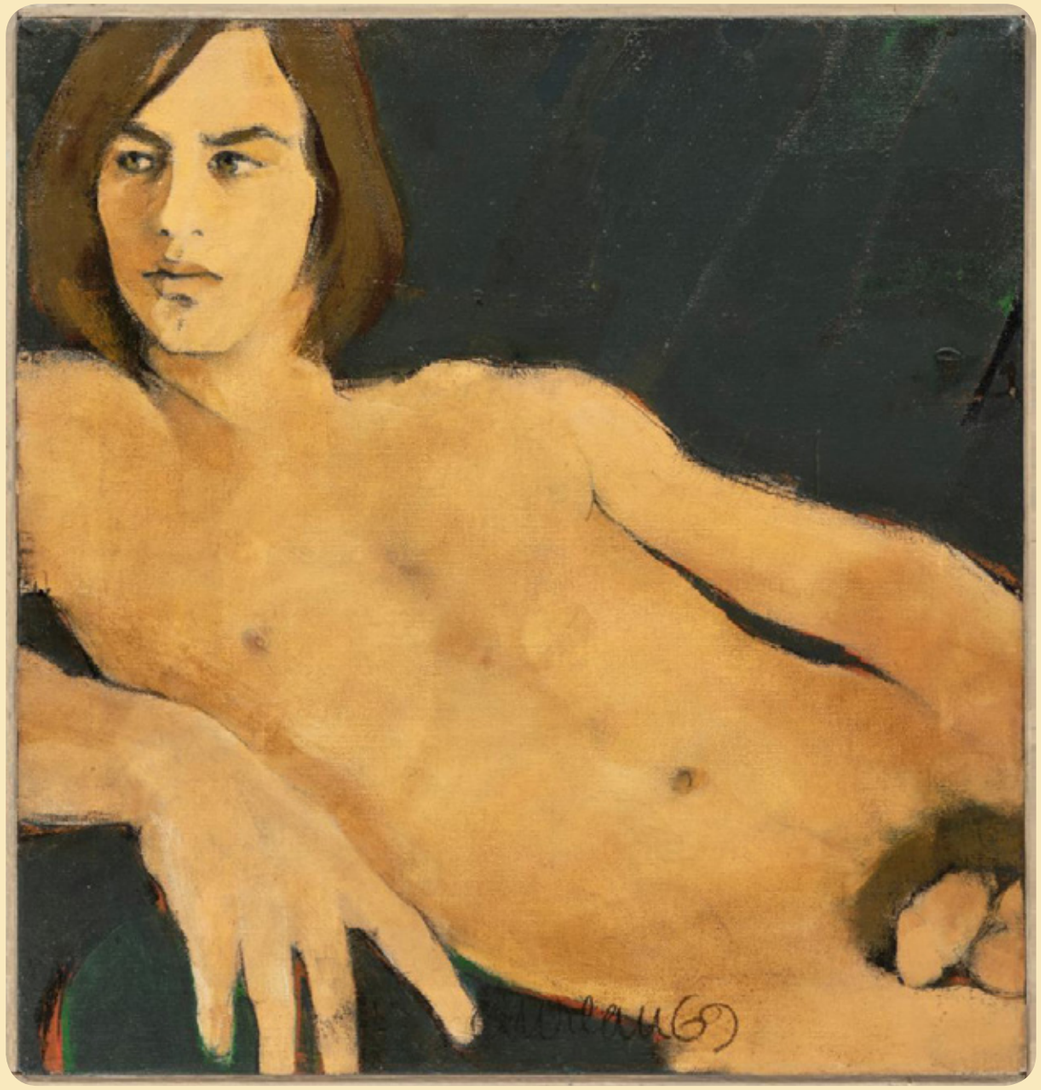
Apesar de uma produção artística que percorreu a pintura, o desenho e a escultura, foram os desenhos em carvão e as fotografias em preto e branco de homens que marcaram **George Valentine Dureau** (1930-2014) e o tornaram uma importante figura da cena artística de Nova Orleans (Louisiana, EUA, cidade onde viveu durante praticamente toda a sua vida). Sua obra, marcada pela nudez masculina, pela sensualidade e pela diversidade de corpos, construiu uma maneira particular de aproximar referências clássicas da representação de indivíduos que raramente ocupavam o centro da tradição artística.

Filho único, Dureau recebeu suas primeiras lições de arte de uma tia, que estimulou seu interesse pelo desenho e pela criação artística. Frequentou escolas de arte e, em 1952, formou-se em Belas Artes pela Louisiana State University, em Baton Rouge. Chegou a fazer cursos de arquitetura antes de servir ao exército estadunidense durante quatro anos.

Antes de conseguir viver exclusivamente de sua produção artística, trabalhou como designer de vitrines e publicitário em lojas de departamento. Somente no início da década de 1960, conseguiu

comercializar suas obras o suficiente para dedicar-se integralmente à arte. Foi nesse período que sua produção saiu do expressionismo abstrato hegemônico e se voltou progressivamente para a figura humana – que viria a ser sua principal investigação artística –, para desenvolver pinturas de grandes dimensões, com referências à arte e à arquitetura clássicas.

> *Recordo-me de pintar uma paisagem ao longo do dique em uma pequena cidade rio abaixo; um vizinho aproximou-se para observar e o incluí na cena.*



Nu reclinado, óleo sobre tela, 1969.



Negro nu em pé, aquarela, 1969.

Nu masculino, sanguínea em papel, 1967.

Nu masculino, carvão em papel, 1972.

A fotografia surgiu inicialmente como um recurso auxiliar para seus desenhos e pinturas. Usava a câmera para estudar poses, rostos, proporções e contornos musculares, utilizando as imagens criadas como referência para suas composições. Ao perceber que as fotografias possuíam força expressiva própria e poderiam existir independentemente das pinturas, a ferramenta de apoio passou a ser instrumento principal de trabalho.

A partir de meados da década de 1970, Dureau aprofundou sua pesquisa fotográfica, explorando a luz, a tonalidade e o espaço como elementos fundamentais para a representação da figura humana em retratos e nus, levando uma abordagem íntima e contemporânea à tradição clássica. Ele abrangia uma variedade de corpos e características físicas: além de atletas e jovens homens negros, fotografou pessoas com nanismo, amputados e indivíduos com outras características corporais pouco representadas na fotografia artística convencional. Em suas imagens, esses homens faziam poses que remetiam às esculturas de atletas e divindades da Antiguidade greco-romana. A aproximação entre esses corpos atípicos reais e os referenciais clássicos de beleza masculina produzia imagens que desafiavam os padrões tradicionais de representação.



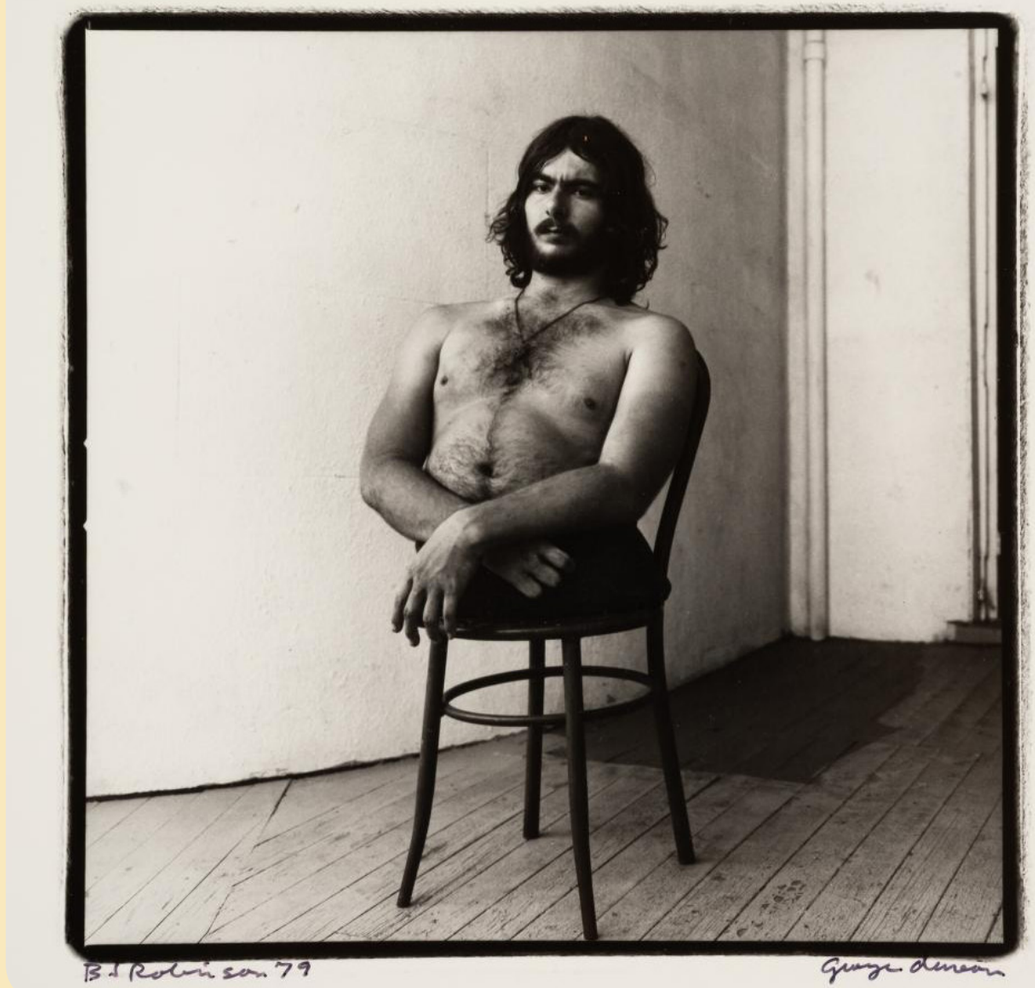
Acima, *Roosevelt Singleton*.
Abaixo, *Wingding na lareira*.
Ambos em 1978.



Anthony Dixon, 1983.

Todos nós somos dolorosamente inadequados de uma forma ou de outra, seja psicológica ou fisicamente. E, geralmente, são essas ideias que quero expressar.

Essa fala ajuda a compreender o interesse de Dureau por indivíduos cujas características físicas frequentemente os colocavam à margem dos padrões convencionais de beleza. Em vez de transformar essas particularidades em curiosidades, ele parecia interessado na complexidade humana que cada corpo carregava, em mostrar que uma possível vulnerabilidade não anula a força ou a beleza. Para além da anatomia, ele buscava registrar a presença, a personalidade e a individualidade de seus modelos.







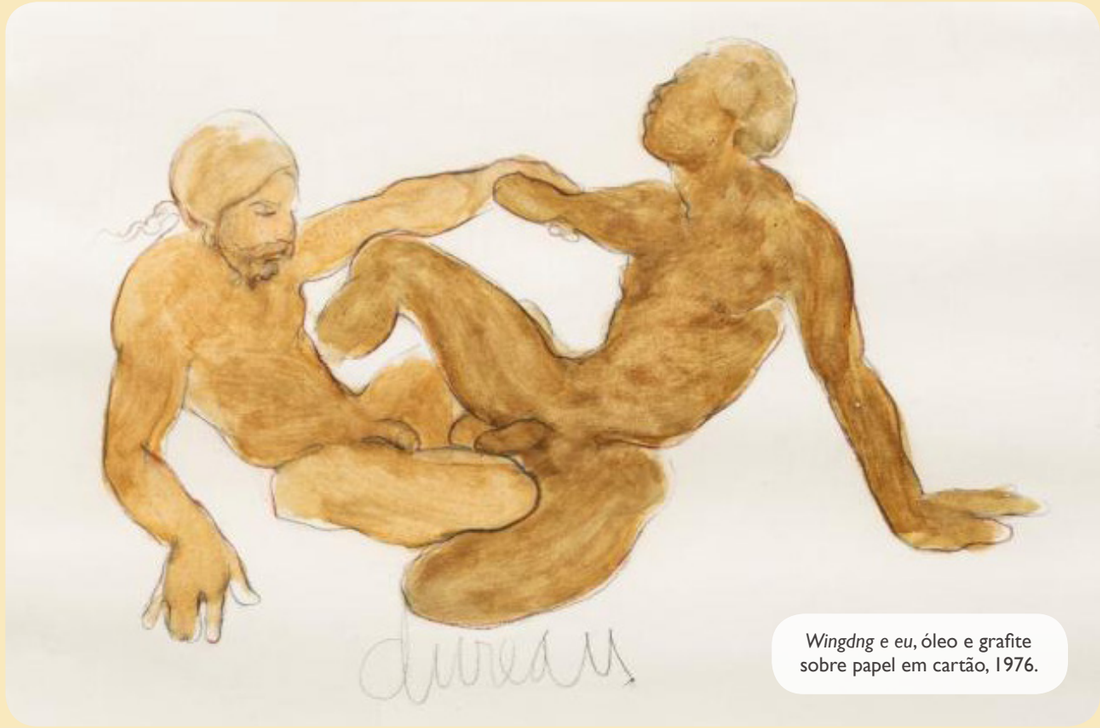


Acima, *Teddy Butler* (1992), *Alan Coalman* (1986) e *Leonard Frazer* (1990).

O interesse de Dureau pelo corpo masculino também precisa ser compreendido a partir do ambiente em que vivia e trabalhava. Durante as décadas de 1970 e 1980, o French Quarter – bairro histórico onde residia – era um importante ponto de encontro das comunidades artística, gay e negra de Nova Orleans. Embora fosse um homem branco, fotografava frequentemente os homens negros de uma cidade marcada por uma longa história de escravidão e segregação racial e, segundo relatos, suas sessões acabavam numa relação íntima com os retratados. Em 1979, quando apresentou em uma galeria suas fotografias de homens negros valorizando sua beleza física e ocupando poses clássicas, causou um choque cultural no meio artístico local, predominantemente branco.

Dureau canalizou a essência da cidade de Nova Orleans para sua prolífica produção artística, que explorou, quase exclusivamente, a figura humana – por meio da pintura, do desenho e da fotografia. Ele transitava com destreza entre essas três linguagens, criando representações magistrais de moradores dos bairros periféricos, amigos e amantes, e, inegavelmente, de indivíduos à margem da sociedade – incluindo pessoas de baixa estatura, indivíduos com deficiência ou deformidades, os chamados "marginais", homossexuais e trapaceiros.

– Howard Philips Smith, autor de "George Valentine Dureau: Life and Art in New Orleans"

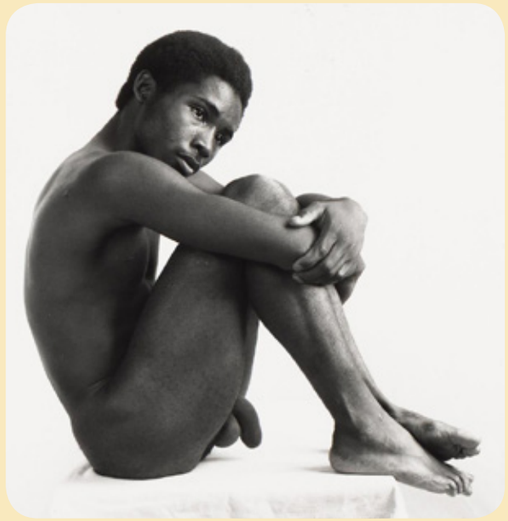


Wingdng e eu, óleo e grafite sobre papel em cartão, 1976.

Porém a crítica foi, no geral, positiva. À época da exposição, o crítico Terrington Calas descreveu uma gravura de um homem sem as pernas que se equilibrava sobre uma das mãos que o impressionou pela capacidade de Dureau de extrair poesia daquela imagem sem recorrer ao sentimentalismo ou ao ridículo.

A nudez masculina também representava um desafio aos limites de circulação da imagem. Em uma época de restrições sociais e legais relacionadas à homossexualidade, a exposição de homens nus em galerias e museus enfrentava resistências. Dureau, entretanto, não restringiu sua produção aos circuitos convencionais das artes visuais: suas fotografias também foram publicadas na *Drummer*, revista norte-americana ligada à cultura leather e ao BDSM.

Jonas Williams (O pensador) (1979), Clarence Williams (1981), *Glen Thompson* (1984) e *Nu sentado com cobertor* (s.d.).









Battiste com arco, 1989.



Apesar de uma crítica severa em 1971, que o levou a um afastamento temporário, o fotógrafo conquistou reconhecimento entre artistas, colecionadores e instituições. A partir de aproximadamente 1988, passou a ser representado por Arthur Roger, responsável por ampliar a circulação de sua obra e promover exposições que alcançaram públicos nacionais e internacionais. Embora tenha ficado especialmente conhecido pela fotografia, Dureau continuou trabalhando com pintura, desenho e escultura. Sua produção escultórica também deixou marcas na paisagem de Nova Orleans, com obras públicas e encomendas para instituições e espaços da cidade.

Em 2005, ele vivenciou a passagem do furacão Katrina por Nova Orleans. Após ser evacuado e passar alguns meses em Massachusetts, retornou à cidade e encontrou seu ateliê na rua Dauphine danificado pela água. Pouco depois, mudou-se para outro imóvel. Nos anos seguintes, começou a apresentar sintomas de demência e passou a receber os cuidados de um grupo de amigos conhecido como FOG (Friends of George), que o acompanhou até sua transferência para uma casa de repouso em Kenner, onde faleceu em abril de 2014, aos 83 anos.

A fotografia de George Dureau permanece singular. Seus modelos não são apenas formas anatômicas organizadas diante da câmera: são homens que ocupam o espaço, apresentam seus corpos e estabelecem uma relação com o olhar de quem os fotografa e de quem contempla suas imagens. Entre a nudez, a beleza, a sensualidade e a vulnerabilidade, Dureau construiu uma obra na qual o corpo masculino não precisa corresponder a um ideal para ser monumental. Sua fotografia encontra justamente na pluralidade das formas humanas uma de suas maiores forças. **8=D**



Acima, *Stanley K. como Édipo* (óleo sobre tela, 1977). Abaixo, *John Slate* (s.d.). Na página ao lado, *Nu masculino* (s.d.), *Tronco de Battiste* (1990) e *Autorretrato* (1989).









MAPPLETHORPE E HUJAR

A relação de Dureau com Robert Mapplethorpe é um capítulo relevante de sua trajetória. Os dois fotógrafos se conheceram na década de 1970 e estabeleceram uma amizade marcada pela admiração artística. Mapplethorpe visitou Nova Orleans em 1979 e teria ficado profundamente impressionado com suas fotografias, chegando a colecionar suas obras e recriar algumas de suas composições anteriores. Por isso, diversos críticos consideram que a influência estética entre ambos ocorreu, sobretudo, de Dureau para Mapplethorpe.

Apesar das claras aproximações visuais, suas fotografias apresentam diferenças significativas. O crítico Claude J. Summers observa que, enquanto Mapplethorpe frequentemente construía imagens de seus modelos como figuras idealizadas, contidas e quase escultóricas, Dureau os apresentava de maneira mais íntima, vulnerável e pessoal. Seus retratados pareciam carregar na imagem não apenas a forma física, mas também aspectos de suas personalidades e experiências. Para Summers, a diferença fundamental estava na empatia.

Essa diferença era muito semelhante à de Peter Hujar com Mapplethorpe. Dureau e Hujar poderiam ser aproximados não por uma suposta influência entre eles, mas por uma concepção da fotografia em que o corpo humano não se esgota em sua forma visual. Há uma dimensão psicológica e existencial que atravessa a representação.

A relação entre Dureau e Mapplethorpe, entretanto, não permaneceu livre de tensões. Com a rápida ascensão de Mapplethorpe no circuito artístico de Nova York, a amizade teria se enfraquecido, e Dureau teria se sentido deixado de lado (bem como Hujar se sentiu).

Falo em Foco

Quando a pandemia começou e o mundo entrou em confinamento em 2020, todos nós vivenciamos uma espécie de cativeiro coletivo. O contato com outras pessoas era ativamente desestimulado (ou, em alguns casos, terminantemente proibido), e todos fomos solicitados a fazer a nossa parte e ficar em casa. Para um fotógrafo como **Kief Kanata** – que normalmente trabalha com modelos em locações externas –, isso significava que sua forma favorita de expressão criativa tornara-se, na prática, impossível. Assustado, frustrado e entediado, o fotógrafo apontou a câmera para si mesmo, mas especificamente, para o seu pênis, emulando um comportamento comum observado em animais mantidos em cativeiro: a tendência à masturbação compulsiva como mecanismo de alívio ao aprisionamento. **8=D**









Suponho que o impulso que me levou a fotografar meu pênis seja o mesmo que levou os neandertais a pintarem as cavernas. É uma maneira de afirmar a vida, de deixar um testemunho da própria passagem por este mundo (afinal, num momento tão frágil e incerto, quantas outras oportunidades haveria para isso?). Essa foi a minha forma de gravar minhas iniciais numa árvore, de deixar um cadeado assinado numa ponte ou de marcar a palma da mão no cimento fresco. Eu poderia ter mantido essas imagens apenas no meu celular, mas, então, quem saberia que "eu estive aqui"?













www





A ***Falo Magazine*** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais**!

SEJA MAIS.

ben-feitoria

www.benfeitoria.com/falomagazine

AMIGO DA FALO

R$10 / mês

agradecimento na Falo

VIP DA FALO

R$20 / mês

agradecimento na Falo e revista bimestral com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO

R$50 / mês

agradecimento na Falo, revista bimestral com antecedência e os anuais em inglês por e-mail

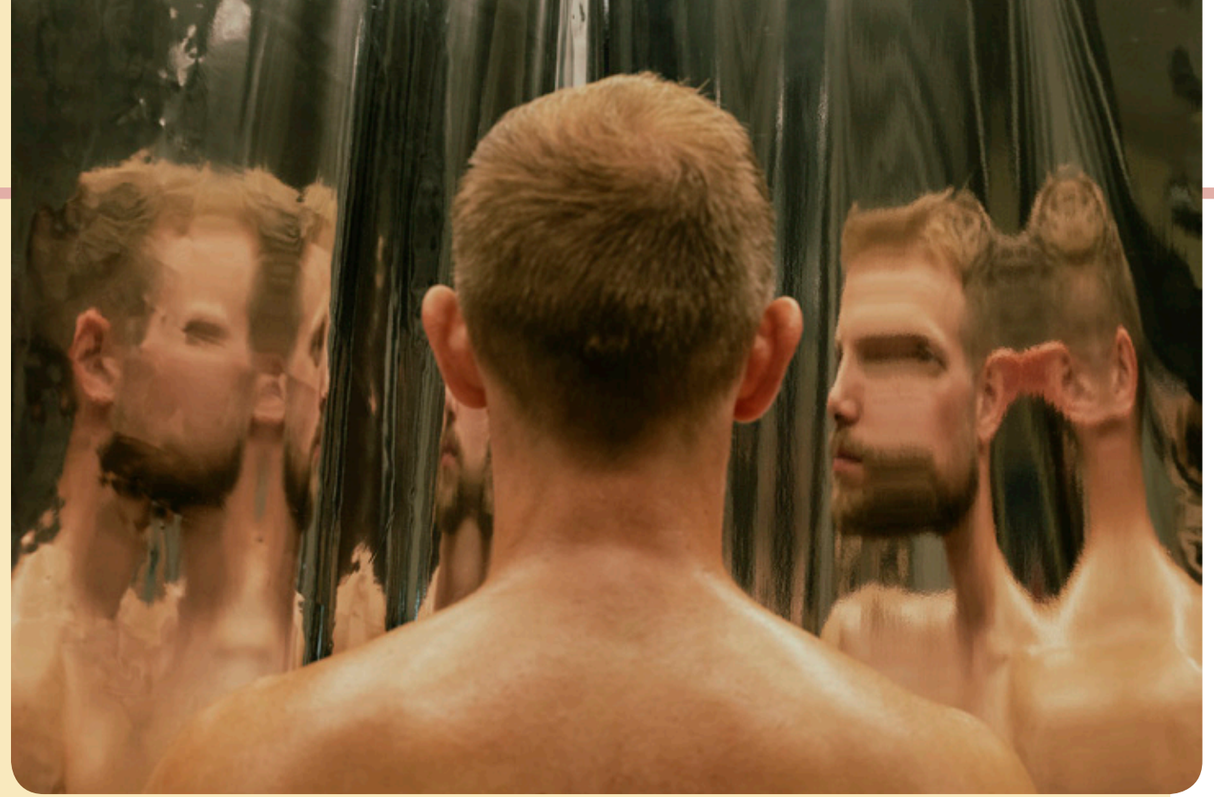
www

Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, **Daniel Caye**, **Estêvão Sena**, **Maria da Graça**, **Paulo Cibella**, **Paulo Mendes**, **Rossetton**, Christopher Norbury, Daniel Tamayo, Eduardo Filiciano, Fabio Ibiapina, Giovanni Ravasi, Marcos Resende, Saint Clair Araújo e benfeitores anônimos.

Dismorfia, Desejo e Masculinidade

por Guilherme Navarro



Este texto é a transcrição de um vídeo postado pelo autor em seu perfil do Instagram.

Guilherme Navarro é psiquiatra clínico e forense.

Por que tantos homens gays estão desenvolvendo uma relação tão angustiada, tão compulsiva com o próprio corpo? Pelo o que eu escuto na clínica, pelo o que eu observo fora da clínica e pelo o que os estudos e as pesquisas vêm mostrando, temos hoje uma intensificação muito particular do sofrimento corporal em homens gays. Eu usaria aqui a palavra epidemia com algum cuidado, porque eu não poderia dizer isso no sentido epidemiológico, mas é como se existisse, no sentido cultural, uma disseminação impressionante de uma insatisfação, de uma vigilância, de uma comparação; sintomas dismórficos e formas cada vez mais rígidas de gerenciamento do próprio corpo.

Durante muito tempo, essa pressão estética foi tratada como uma questão prioritariamente feminina [...]. Mas existe hoje uma questão que é masculina – e aqui eu vou tratar principalmente do universo gay – e merece ser levada muito a sério.

Talvez o primeiro ponto que precisamos falar é de recusar a explicação mais preguiçosa de que homens gays são simplesmente mais vaidosos. Ouvimos isso com alguma frequência, mas vaidade é uma palavra pequena para descrever o que está acontecendo. O que está em jogo aqui é uma construção histórica atravessada por gênero, sexualidade, masculinidade, classe, raça, reconhecimento social, pertencimento afetivo. Em muitos espaços gays o corpo deixou de funcionar apenas como aparência, ele é muito mais do que isso: ele é uma espécie de currículo silencioso. Antes mesmo de se conhecer a personalidade de alguém, a história, os afetos, o corpo já está ali comunicando supostas informações sobre disciplina, juventude, saúde, masculinidade, autocontrole, posição social, desejabilidade.

É interessante pontuarmos que existe uma particularidade importante na experiência gay: homens gays não apenas são submetidos ao olhar masculino, como frequentemente desejam homens e buscam ser desejados por homens. Isso cria uma espécie de circuito que é intensificado por muita vigilância. O mesmo corpo masculino que funciona como objeto de desejo também vai funcionar como um parâmetro que a pessoa vai se comparar o tempo todo, o próprio corpo. Então, eu olho para alguém e, quase que ao mesmo tempo, eu posso desejar aquela pessoa e desejar ser como aquela pessoa. Desejo e comparação andam lado a lado e passam a ocupar o mesmo espaço. Um parceiro potencial também pode se tornar um espelho, pode se tornar parâmetro, pode se tornar rival. Isso ajuda a entender porque a comparação entre homens gays pode adquirir uma intensidade muito específica.

Para entender melhor, é bom pontuarmos que a história de muitos homens gays passa por crescer percebendo que existe alguma coisa inadequada na maneira de ser homem. Às vezes, isso passa pelo bullying em relação à voz, em relação ao gesto, em relação ao jeito de andar, em relação à afetividade, à feminilidade. Essas marcas dolorosas, às vezes, aparecem muito antes de qualquer elaboração consciente do que é sexualidade. O menino aprende que determinados gestos vão produzir riso, vão produzir vergonha, vão produzir rejeição. Uma possibilidade de resposta posterior a isso é tentar construir no corpo aquilo que durante muito tempo pareceu faltar simbolicamente, que seria essa masculinidade facilmente reconhecível. Por isso, para alguns homens, ganhar músculo não significa apenas ganhar músculo, mas pode significar produzir um corpo que ninguém vai ler como fraco, feminino, infantil, vulnerável, inadequado. O músculo adquire, então, uma função social: ele pode funcionar como uma reparação imaginária de uma ferida antiga da masculinidade, uma forma de provar que se é homem o suficiente. Justamente por isso, a musculatura pode se tornar tão psicologicamente carregada.



Existe um paradoxo aqui, que é até muito cruel: homens gays são historicamente marginalizados por supostamente fracassarem em corresponder a masculinidade normativa e, em alguns espaços gays, eles passam a reproduzir essa mesma normatividade com versões extremamente rígidas. Isso é muito triste, porque o corpo musculoso, seco, viril e jovem pode funcionar mesmo como uma espécie de certificado de reintegração ao masculino, como abaixar a cabeça para a heteronormatividade. A homossexualidade deixa de ser necessariamente compatível com a masculinidade dominante desde que aquele homem seja suficientemente masculino em todo o resto, como se fosse uma espécie de assimilação corporal: você até pode desejar homens desde que não pareça excessivamente feminino; você até pode ser gay desde que seja forte, você até pode ser de uma dissidência sexual, de uma minoria sexual desde que seu corpo continue comunicando disciplina, virilidade, produtividade, controle, que são os ditames do neoliberalismo. A norma deixa de dizer simplesmente "não seja gay" e passa a dizer algo que é até mais sofisticado: "você pode ser gay, mas tenta existir de uma forma mais valorizada para ser gay".

Talvez essa seja uma das contradições mais dolorosas dessa cultura contemporânea. Uma comunidade construída historicamente a partir da experiência de exclusão pode produzir seus próprios mecanismos internos de exclusão. É triste perceber que essa busca por pertencimento – que é extremamente legítima – acaba sendo reorganizada em torno de uma gramática afetiva que é extremamente seletiva. Certos corpos vão ter valor, vão ser desejados, vão ter visibilidade, enquanto outros vão precisar lutar muito mais para serem reconhecidos como eroticamente possíveis. Aqui não se trata apenas de gordura ou de masculinidade; feminilidade, idade, raça, deficiência, calvície, altura, tamanho genital, traços faciais, uma série de marcadores passam a entrar nessa economia do desejo. Alguns corpos são rejeitados, outros são aceitos apenas quando correspondem a um determinado roteiro. Alguns outros são fetichizados e fetichizado não é exatamente o contrário de ser excluído, porque você pode muito bem ser fetichizado sexualmente, procurado sexualmente e, ainda assim, perceber que está sendo reduzido a uma fantasia sexual – geralmente uma fantasia racial, corporal ou de gênero, que é extremamente estreita.

É importante dizermos também uma coisa muito delicada: ninguém é obrigado a desejar ninguém. O desejo não pode ser administrado como um dever moral. Não é isso que estou dizendo. Mas isso não significa que a gente não possa pensar que as nossas preferências não existem em um vazio social. O desejo é íntimo, mas ele aprende repetição, imagem, prestígio, o que uma cultura apresenta como belo, masculino, jovem, valioso. Tanto é que, quando milhares de pessoas dizem individualmente "isso é só o meu gosto", talvez a gente precise se perguntar porque tantas pessoas apontam individualmente para a mesma coisa, hierarquias sociais que são muito semelhantes.

Da mesma forma, o chamado "corpo padrão" não é apenas um formato físico: ele costuma carregar marcadores de classe. Construir e, sobretudo, manter determinados corpos demanda tempo para começar. Academia, alimentação específica, suplementação, sono, procedimentos, conhecimento técnico, eventualmente acompanhamento profissional, recursos farmacológicos, tem toda uma infraestrutura econômica que nem todo mundo tem o privilégio de ter por trás daquilo que depois aparece numa fotografia como "disciplina". O neoliberalismo é eficiente em transformar privilégio em mérito pessoal. O sujeito que dispõe ali de tempo, dinheiro, saúde, excesso, uma vida muito organizada, consegue construir determinado corpo e esse corpo aparece na fotinho do Instagram como prova de força de vontade.

Daí surge uma violência que é extremamente contemporânea: desigualdades estruturais são traduzidas como fracassos individuais. Se o seu corpo não está bom, treina mais. Se está cansado, dorme. Se ganhou gordura, controla na dieta. Se envelheceu, faz um procedimento. Se a libido caiu, olha a testosterona. Se está mais ansioso, vai meditar. O contexto social desaparece. Toda insuficiência retorna no indivíduo como se fosse uma tarefa de otimização.

É nesse ponto que a cultura fitness encontra muito bem a lógica do "sujeito empreendedor de si mesmo" do neoliberalismo. O indivíduo precisa se administrar o tempo todo, administrar seu corpo igualzinho a uma empresa. Então, temos metas, indicadores, retorno, risco, o corpo precisa melhorar de



uma espécie de pedagogia corporal e sexual quando determinadas imagens são consumidas o tempo todo repetidamente. A gente não aprende apenas o que fazer sexualmente. A gente aprende também quais corpos estão fazendo sexo, quais corpos ocupam determinadas posições, quais masculinidades são representadas como potentes e quais as características físicas são transformadas em requisitos imaginários para serem desejáveis.

Nós temos pornografia, aplicativos e redes sociais formando uma espécie de currículo informal do desejo. Ninguém precisa dizer explicitamente "é assim que um homem desejável deve parecer". Basta repetir suficientemente as mesmas experiências e imagens para o resultado ser a auto-objetificação. O sujeito começa a se observar constantemente a partir de fora. Ele entra em um ambiente e imagina como está sendo visto. Durante o sexo, parte da atenção está no prazer, mas parte está observando mentalmente a própria barriga, o próprio peito, a própria posição, o próprio desempenho. Na praia, não está simplesmente na praia: está também imaginando a imagem que produz na praia. A experiência corporal é interrompida por essa fiscalização corporal.

Existe uma diferença enorme entre ter um corpo e estar permanentemente assistindo ao próprio corpo. Quando essa vigilância se intensifica, até o prazer de transformação corporal começa a desaparecer. Academia pode ser prazer, pode ser comunidade, pode ser força, pode ser lúdico, pode ser regulação emocional, pode ser descoberta corporal. Não existe nada suspeito em gostar de treinar

tempos em tempos, trimestralmente, temos que pensar em massa magra, menos gordura, o pace da corrida, o volume de oxigênio, a carga, os passos, os exames tem que estar melhores, tem que ter mais proteína, tem que melhorar sono, até experiências que poderiam ser simplesmente corporais passam a ser convertidas em números, em indicadores. Tudo vira número.

O problema não é medir as coisas. As métricas são úteis. O problema começa quando aquilo que deveria servir à pessoa passa a governar a pessoa. Você deixa de usar o relógio para entender sua corrida e começa a sentir que só pode correr com o relógio que você comprou da marca X, porque o relógio aprovou. Você deixa de observar a sua alimentação e passa a experimentar a comida como macronutriente apenas ao invés de ter a experiência de comer. Você deixa de descansar porque está cansado e começa a interpretar descanso como falha de produtividade. Talvez nenhuma tecnologia contemporânea tenha intensificado tanto essa lógica quanto as redes sociais.

O corpo masculino se tornou objeto de exposição, de classificação, de comparação, praticamente contínuo. Você acorda e já encontra stories de treino, abre aplicativo e encontra alguém que está mais definido, você vai correr e compara o pace de outras pessoas, vai na academia e encontra corpos que horas depois vão aparecer iluminados, editados e enquadrados no celular. Não existe mais apenas o espelho do banheiro: existe um espelho algorítmico que está funcionando 24 horas por dia. E esse espelho tem um característica particularmente perversa porque



ele não mostra uma amostra representativa da sociedade, da realidade. Ele seleciona muito bem aquilo que captura a atenção; e corpos considerados excepcionais vão capturar mais a atenção. Gradualmente o sujeito vai começar a comparar o próprio corpo cotidiano – que pode estar cansado, relaxado, depois de comer, sob uma luz comum – com uma sequência de corpos selecionados em seus melhores segundos, nas melhores poses, nas melhores luzes, frequentemente após anos de treino e eventualmente atravessados por edição, manipulação alimentar, desidratação, manipulação farmacológica etc. A exceção estatística vai adquirir uma espécie de normalidade social.

Isso muda completamente o referencial interno. Não necessariamente o homem olha no espelho e literalmente enxerga algo que não existe, como na dismorfia clássica. Muitas vezes, a distorção contemporânea é até mais sofisticada: ele está enxergando o próprio corpo, mas ele perde completamente a capacidade de avaliar que aquele corpo é suficiente. O problema deixa de ser apenas percepção e passa a ser satisfação. Nunca está seco o suficiente. Nunca está largo o suficiente. Nunca está grande o suficiente. Nunca está jovem o suficiente. Por isso que existem homens extremamente musculosos que continuam se sentindo pequenos. Isso é extremamente comum. Eu vejo isso na clínica.

O objetivo corporal se desloca cada vez mais, se aproxima de um sujeito inalcançável. O corpo desejado é como se fosse o horizonte: quanto mais você anda, mais o horizonte recua. Isso é perfeito para a economia, porque ela é

totalmente baseada na insatisfação. Alguém que está satisfeito, não vai comprar; o insatisfeito compra.

É importante perceber como essa lógica entra também nos aplicativos de encontro. Em muitos deles, o corpo está organizado como uma mercadoria numa vitrine – altura, peso, posição sexual, idade, de que tribo pertence, as fotos, os pelos, a musculatura etc. A complexidade de uma pessoa tem que caber em segundos de avaliação. Não porque os usuários sejam necessariamente superficiais – sem essa interpretação moralista –, mas porque a própria arquitetura do aplicativo favorece decisões rápidas, visuais e comparativas.

Quando dezenas ou centenas de corpos aparecem em uma grade, o sujeito não é apenas uma pessoa buscando outra pessoa, ele também se torna um produto competindo por atenção num mercado que está completamente saturado. A rejeição, que anteriormente poderia ser vivida de maneira mais difusa, é experimentada numa escala industrial. Você pode não receber uma resposta de vinte homens em uma noite e isso vai produzir uma quantidade de micro-experiências de avaliação, provavelmente ruins, que não existiriam dessa forma em outros momentos históricos. E o que acontece? Muitas vezes, o sujeito transforma essa rejeição em projeto para o próprio corpo. Ao invés de concluir que desejo é contingente, que relações são imprevisíveis e que não existe pessoa universalmente desejável, ele conclui que existe alguma variável defeituosa com ele que precisa ser corrigida: mais peito, menos barriga, mais barba, mais músculo, mais cabelo, menos cabelo, uma mandíbula diferente. O





sofrimento afetivo é convertido numa espécie de engenharia corporal.

Existe também uma dimensão histórica que não podemos deixar de lembrar. Para determinadas gerações de homens gays, sobretudo no contexto da epidemia de HIV / AIDS, o corpo forte e musculoso deixou de adquirir um significado qualquer e passou a adquirir um significado de saúde, vitalidade e sobrevivência em oposição a imagens socialmente estigmatizadas da doença e do emagrecimento. Evidentemente que a cultura corporal gay de hoje não pode ser explicada apenas por esse histórico, mas significados culturais não desaparecem de uma geração para outra simplesmente. O corpo forte também carregou, em determinados momentos, a promessa simbólica de não parecer doente, de não parecer frágil, de não parecer ameaçado. Isso, para a população gay, tem o seu valor histórico.

Então, hoje essa busca por controle encontra uma indústria farmacológica e tecnológica muito sofisticada: testosterona, esteroides anabolizantes, hormônios estimulantes, peptídeos, suplementos, procedimentos estéticos, medicamentos para perder peso, aplicativos, exames, exames e exames. Isso tudo integra uma mesma imaginação cultural. Praticamente qualquer característica corporal pode ser corrigida tecnicamente.

Dentro dessa dimensão, nós temos a pornografia, que entra nesse sistema de uma maneira muito semelhante. Ela não vai produzir sozinhas esses ideais e nem deveria ser transformada em um bode expiatório moral, mas ela pode funcionar sim como

e querer modificar o próprio corpo. O problema é quando a possibilidade de escolha começa a desaparecer. Talvez uma pergunta clínica muito mais útil do que "quanto você treina?" seja "o que acontece emocionalmente quando você não consegue treinar?". "Por que seis treinos semanais podem existir numa relação saudável com o corpo, enquanto quatro podem existir numa relação profundamente compulsiva?" O comportamento isolado fala muito menos do que o grau de liberdade que ainda existe em torno dele. A pessoa consegue descansar sem culpa? A pessoa consegue comer alguma coisa que não estava prevista sem passar horas compensando mentalmente? Ela consegue viajar sem procurar imediatamente onde vai treinar? Consegue ter relações sexuais sem pensar constantemente em como seu corpo está sendo availado? Ela consegue passar alguns dias sem se medir, se pesar, fotografar ou ficar comparando? Ela consegue perceber uma mudança corporal sem transformar isso numa crise existencial? Talvez seja aí que apareça a nossa fronteira entre o cuidado e o aprisionamento. **8=D**



As imagens deste artigo são do projeto *Mirrors* (Espelhos), do fotógrafo espanhol Ferran Sanchez Castillo, que explora a relação com o corpo e a forma como a percepção que temos de nós mesmos pode ser construída, distorcida e, por fim, transformada. O projeto nasceu de uma experiência pessoal: após uma cirurgia na coluna, o fotógrafo passou meses sem conseguir se movimentar adequadamente e, durante esse período, seu corpo mudou e, ao se olhar no espelho, não conseguia reconhecer o homem que estava diante dele.

> *Talvez, se eu tirasse uma foto do meu corpo, sem incluir a cabeça, e a observasse todos os dias, um dia eu passaria a achar o homem daquela imagem atraente.*

O projeto explora a relação entre autoimagem, identidade, vulnerabilidade e desejo. A nudez remove, gradualmente, as proteções e os códigos associados ao corpo vestido, confrontando quem observa com a vulnerabilidade e com o seu próprio olhar. Essa dimensão não diz respeito apenas à sexualidade.

O título no plural refere-se aos diferentes espelhos pelos quais nos percebemos: a fotografia, nosso próprio olhar, os padrões estéticos e a maneira como somos vistos e desejados pelos outros. Ao abordar especialmente a cultura gay, Ferran questiona como a validação externa pode influenciar a autoestima e a percepção da própria atratividade.

Ferran convida à reflexão sobre a distância entre o corpo real e as imagens que construímos dele, propondo um percurso que vai do estranhamento à aceitação e ao desejo de si. O projeto questiona, assim, até que ponto conseguimos reconhecer, amar e desejar nosso próprio corpo sem depender do olhar alheio?





Foto: *Guilherme Correa*. Modelo: *William Camargo*.

NUTOPIA

Ensaio Fotográfico em Estúdio – São Paulo (Bela Vista)





Transforme seu corpo em arte.

Descubra o seu potencial através de um ensaio que valoriza forma, presenca e expressão.

Nutopia é um projeto autoral de fotografia comemporànea que celebra a masculinidade com sensibilidade, estètica e atitude.

Studio Nutopia – Bela Vista, SP

Agende seu ensaio agora:
www.nutopia.online
11 93734-7518

NÃO SE PRENDA A ESTEREÓTIPOS



Pesquisa sobre
a anatomia
peniana feita com
a participação
de mais de 100
leitores/seguidores,
**totalmente
ilustrado**.

PDF | 140 páginas | $

Entre em contato através do
e-mail *falonart@gmail.com*



*Projeto experimental de **Rodrigo Turra** que aborda masculinidades e o tabu do pau mole.*

O PAU COMO RÉGUA MORAL

Por que "pau pequeno" ainda é um dos atalhos preferidos para o linchamento moral

Obsessão no pau do vilão

Ano passado, viralizou uma suposta descoberta científica – sem revisão de pares na época: o suposto micropênis de Hitler. Um sequenciamento genético feito com o sangue encontrado no sofá onde o ditador tirou a própria vida sugeriu que ele sofria da síndrome de Kallmann. Em homens, tal distúrbio afeta o desenvolvimento sexual e pode estar associado à criptorquidia (testículo "não descido"), baixos níveis de testosterona e, em alguns casos, micropênis, além da redução ou ausência de olfato. "Pronto, tá tudo explicado", dava pra notar no tom das reações.

Suspeitas rolavam há décadas: boatos do Hitler "monobola" ou com deformidades no pênis apareciam em forma de cantigas, prontuários médicos ou relatos de profissionais desde sua época. Esse hiperfoco octogenário no pau do genocida nazista não é novo (e estranho pra caralho, convenhamos).

Ele não é a única figura histórica que tem o tamanho do seu dote disputado: reza a lenda que o herói/tirano Napoleão Bonaparte tinha um pau pequeno – o dito cujo supostamente existe até hoje como objeto de colecionador. Ano passado, foi a vez de Trump no South Park: seu especulado micropênis apareceu repetidas vezes em um episódio, o que rendeu altas risadas e muita confusão. Outros artistas já tinham cutucado essa onça antes.

Aqui vale um parêntese: a situação lembra uma velha lenda do mundo editorial, a chamada ***small penis rule*** (regra do pau pequeno). Para quem acha que tomariam um processinho do homem laranja, a regra parece ter sido seguida à risca: "uma estratégia informal usada por autores para evitar processos por difamação." Afinal de contas, seria uma admissão do microdote, aparentemente uma das maiores punições/humilhações para o homem contemporâneo. Só a existência dessa dinâmica já nos diz muito.



The Emperor has no balls, escultura em resina de tamanho real criada pelo coletivo Indecline, 2016.



O debate sobre o tamanho do pau – e a quinta série – reacenderam com tudo

Mais recentemente e menos historicamente importante, mas um tanto midiático e memético, foi o caso do Pedro do BBB26 – guardadas as devidas proporções. Para quem perdeu, em janeiro deste ano o brother encheu a cara, se descuidou e apareceu andando pelado pela casa mais vigiada do Brasil. Foi um prato cheio para os sites de fofoca e para o tribunal digital de minúsculas causas. Tomaram as redes comentários pauleira sobre o tamanho do dote dele, ecoando essa obsessão histórica: "não dá pra desver esse micropênis, que desgosto" etc. A internet ficou em polvorosa com memes, stickers no WhatsApp, opiniões, comentários e clickbaits. Tal episódio nos convida a pensar sobre como falamos sobre pau, tamanho e masculinidade, o que é a nossa praia aqui no Paumolice. Então vamos lá.

Contexto importante: Pedro foi indiciado pela polícia civil por importunação sexual dentro do programa. Ele já tava se comportando de forma duvidosa e asquerosa antes do seu pinto viralizar, se gabando inúmeras vezes de ter traído sua parceira e de ter sido perdoado, intolerância religiosa, dentre outros. Por isso, que fique claro que não estamos defendendo o mala (nem nenhum dos mencionados antes). E lembremos que esse julgamento desnecessário está longe de ser um caso isolado.



Aos ~~falos~~ fatos

Tiremos da frente o seguinte: em termos práticos, o que foi visto foi um pau mole (uau, chocante!). O micropênis (palavra que muitos estavam usando para falar sobre) é uma condição rara específica, que, em homens adultos, tem como referência clínica comum um comprimento peniano esticado inferior a 7,5 cm. Micropênis e pau pequeno são coisas diferentes, e é complicado querer diagnosticar isso (ou fazer qualquer julgamento do corpo alheio) via redes sociais. Ou usar isso como xingamento.

Tendo dito isso… Medir o caráter ou masculinidade de alguém pelo tamanho do pau (ou qualquer outra característica física) é um tanto absurdo e não faz sentido algum. E mais, reduzir/aumentar alguém ao tamanho do seu pau não é só sintoma do machismo, mas o reforça. Seríamos nós tão falocêntricos que achamos que até o caráter de alguém vem embutido no tamanho do pau?

Aqui propomos um neologismo com essa obsessão infundada, pegando emprestado do termo transvestigação – sem equiparar seus impactos – mas que não está tão distante, já que também tem especulação de gênero e genitália no seu cerne, e não prejudica apenas seu alvo: ele atinge não só homens cis-héteros, mas também pessoas queer:

Pauvestigação (s.): prática especulativa – às vezes conspiratória ou pseudocientífica – de estabelecer relações entre o pau de alguém, real ou imaginado, e seu caráter, masculinidade, personalidade ou comportamento. Pode partir de supostas características do pau – tamanho, cor, formato etc. – para tirar conclusões sobre a pessoa, ou fazer o caminho inverso: usar suas ações e traços de personalidade para especular sobre sua genitália. Frequentemente usada para ridicularizar, humilhar, deslegitimar ou explicar seu alvo, a prática reforça normas de gênero e associa características corporais a valor moral.

Não se trata de mera curiosidade, desejo ou interesse sexual pelo pau alheio, mas de transformá-lo em evidência sobre quem alguém é. E é tão fascinante quanto problemático que esse body-shaming, especificamente focado no pau, ainda seja aceito e normalizado, inclusive por quem o condena em outras instâncias (quem sabe nomear esse absurdo faça a gente perceber o tamanho da bobeira). Talvez entender esse fenômeno seja um tanto ambicioso e nem consigamos tirar grandes conclusões, mas vamos experimentar, como é de praxe aqui no Paumolice.

Por que será, então? Reparação? Revanche? Supercompensação?

Uma ideia que paira no ar é a de uma certa licença poética moral. Como se existisse direito à reparação histórica contra o patriarcado. Tipo o machismo provando do seu próprio veneno. É aquele esgotamento de paciência que leva a descer o nível, partir para a ignorância e falar a língua "dos caras". Pagar na mesma moeda masculinista. Já que mulheres e pessoas dissidentes têm seus corpos historicamente objetificados, vigiados e controlados, nada mais justo do que comentar ou diminuir o dote dos homens. Isso toca bem na ferida aberta da sociedade falocêntrica em que vivemos. É a vingança suprema: pouco esforço, eficiente e atinge em cheio o âmago da masculinidade frágil.

Talvez exista também uma espécie de pacto não dito: quem usa "pau pequeno" como insulto muitas vezes sabe que "tamanho não é documento", mas usa esse artifício esperando que o receptor se ofenda. O insulto só funciona porque pressupõe que ter um pau pequeno é algo vergonhoso. Mesmo quando o alvo não tem um pau pequeno, quem tem recebe o recado.

Só que vale perguntar: quando foi que esse tipo de ataque realmente destruiu a reputação de algum homem ou o impediu de continuar fazendo merda? Se nem acusações graves e evidências concretas conseguem isso, esse insulto parece, no mínimo, uma estratégia bastante ineficaz. A real é que não tem argumento mais *ad hominem* do que esse. Aqui o perigo é descontar em uma pessoa (ou grupo de pessoas) problemas sistêmicos e estruturais. E mesmo que seja uma provocação ou zoeira com um bully bilionário (ou um machista de um reality show) esse discurso causa mais dano colateral do que ao próprio alvo.

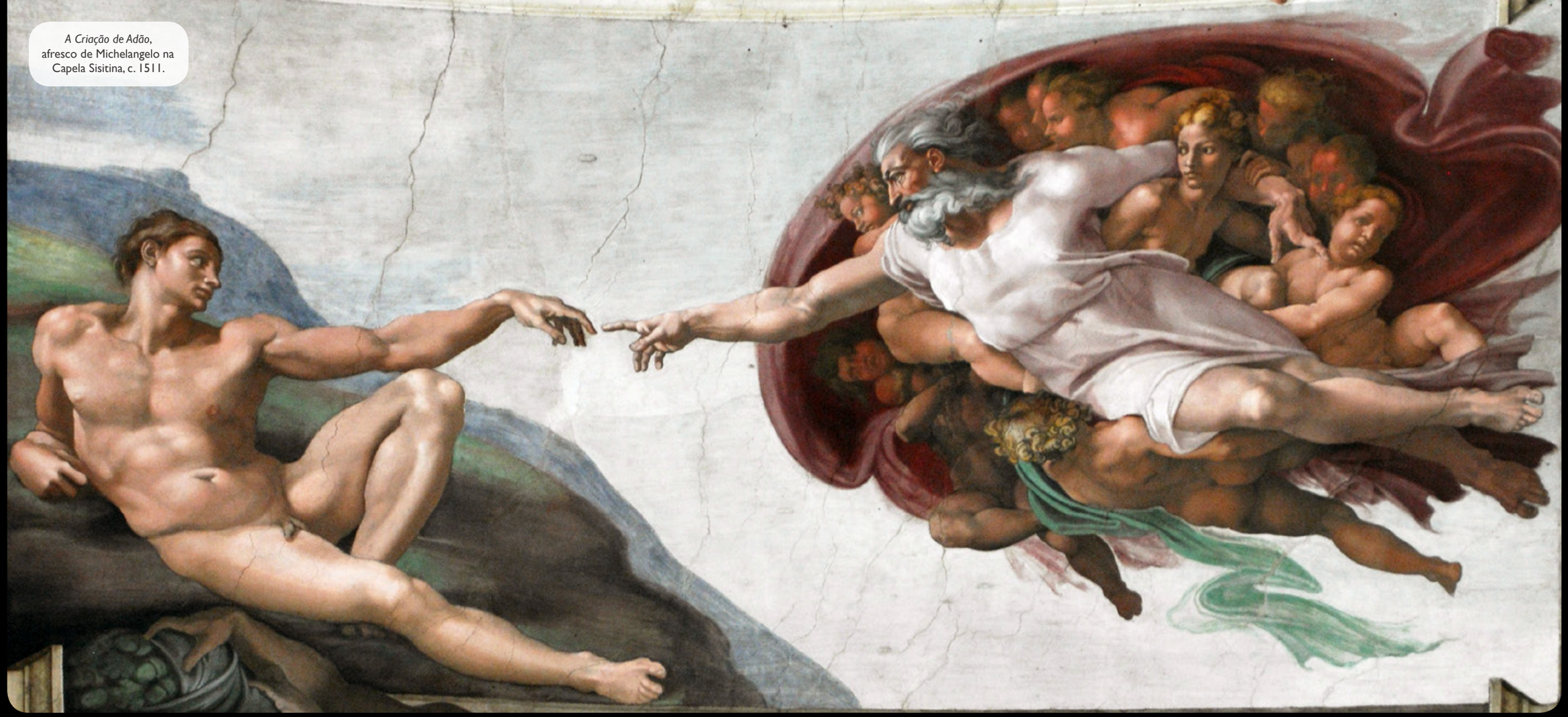
Nesse raciocínio de palmatória, parece haver um certo desejo de educação via vigilância e castigo. O pensamento é assim: se o cara age igual um idiota inseguro, logo ele tá compensando o seu pau pequeno, então é melhor ser legal e gente boa. E nessa lógica então, talvez o cara ser gentil implique que ele tenha um pau pequeno e esteja o escondendo (ou que ele seja um betinha/ cuck na machosfera?). Então, o jeito é ser levemente arrogante, na dose certa, pra mostrar, despretensiosamente, sua big dick energy? Percebe a armadilha que se torna uma prisão, sem chances de reinventar novas masculinidades? Ninguém sai ganhando. Vira um eterno tiro, porrada e meia-bomba.



O outro fio condutor parece ser o seguinte: "só um pau pequeno justificaria tamanha podridão/ megalomania/ sede por poder/ amargura/ tudo de ruim / etc." O dono de um pau pequeno precisa necessariamente estar compensando algo, pois é inseguro. A *origin story* mais-que-perfeita.

Esse estereótipo cultural lembra a ideia de compensação da psicologia de Alfred Adler: sentimentos de inferioridade podem levar alguém a desenvolver forças ou buscar realização em outras áreas; em casos exagerados, fala-se em supercompensação. No geral, isso até faz sentido, mas vamos combinar que tem muito mais coisa para a galera compensar para além do pau. Esse pensamento reducionista distrai e ignora tantos outros fatores sistêmicos que influenciam o estado atual (e histórico) da





A Criação de Adão, afresco de Michelangelo na Capela Sisitina, c. 1511.

masculinidade, como questões de desigualdades de poder, de classe, raciais, de gênero etc. Isso nos impede de ver as raízes do problema para poder então seguir adiante.

Hitler foi um artista frustrado, rejeitado pela Academia de Artes de Viena. Napoleão era da Córsega, recém-integrada à França na época, e falando francês como segunda língua, cresceu como piada na escola e com a sensação de ser estrangeiro. A educação do Trump, em casa e na escola militar, foi bastante problemática. Nada disso explica linearmente quem essas pessoas se tornaram. Justamente é esse o ponto.

E tem outra ideia embutida dentro disso: em uma sociedade patriarcal, falocêntrica e machista, nascer com um pau pequeno é como perder no jogo primordial que opera a sociedade, o que causa necessariamente ressentimento, frustração e, por fim, destruição ou desastre. Apesar da falácia, no fundo, há um lembrete muito verdadeiro nesse viés: nosso machismo de cada dia também atinge os homens e é nocivo a todos.

Tá, mas e aí?

O devaneio foi longe e talvez tenha pesado o clima, mas é necessário manter essa conversa aberta. Para encerrar em um tom mais positivo, vamos lá:

8=D Prazer não se mede em centímetros: Pau pequeno também é gostoso, como postou o artista @bichapapão. Esse mito do "maior é melhor" precisa ser combatido. Sexo e desejo não precisam ser centrados no pau e no seu tamanho, na penetração ou em qualquer genitália. O maior órgão do corpo humano é a pele, e o toque, a presença e a comunicação podem te levar longe na hora do prazer.

8=D Caráter muito menos: Já deu de body-shaming/julgamento do corpo alheio, não importa seu sexo/gênero. Se for pra julgar, julgue as ações das pessoas e seus impactos. Atacar a aparência / pau de alguém empobrece qualquer debate/conversa e pega mal. É cafona, antiquado e infantil. Chame a atenção de quem reproduz esse discurso e não dê valor a esse argumento. Se precisamos de uma régua moral, que ela meça ações e consequências.

Infelizmente, a real é que vão continuar fazendo esse tipo de body-shaming. Enquanto ele continua, pelo menos agora você sabe que não faz sentido. **F**

A MULHER DAS LONGAS PERNAS NÃO CONSEGUE DANÇAR

*"Long tall Sally" e "Sally can't dance", dois poemas do escritor e artista visual **Jozias Benedicto**, originalmente publicados no livro "Erotiscências & embustes" (2019), Editora Urutau. Versão revista pelo autor em 2026.*

[Eu:]

— no escuro —

mesmo as luzes todas acesas eu tive medo de apagar as luzes e você ter medo
do escuro
de mim
e sair correndo
alta
esbelta
com tuas longas pernas
brancas
fugindo de mim para sempre

eu tinha vinte e poucos anos
você tinha vindo de um massachusetts qualquer e lá te esperava
teu namorado
mas a gente se beijava e se beijava assim mesmo e era um tempo em que todos
fumavam muita maconha
naquela noite não apaguei a luz e começamos a nos beijar na cozinha mesmo
eu fazia um chá para você e apertava mais um
e você falava o tempo todo do tal namorado
o de massachusetts

e eu
eu
eu gozei na tua boca gozei muito para afogar o tal cara

[Ela:]

& tudo correu como eu já sabia & eu disse pra ele desde o primeiro dia que eu tinha um noivo & que amava meu noivo & que era fiel a ele mesmo ele estando lá no frio massachusetts & eu aqui neste quente rio de janeiro & os poetas românticos & mostrei minha aliança de ouro & mostrei a foto do meu noivo vestido com o uniforme do time de rugby & mesmo assim ele não tirava os olhos de mim & eu dele & também bebemos muito & fumamos muito & começamos a nos beijar & eu sempre dava um jeito de ir embora

& até que naquela noite eu achei que ia ter mais gente na casa dele & ele fez cara de sonso & disse "poxa, o pessoal está demorando" & até que eu vi que era uma armadilha & eu era um ratinho & eu podia fugir? sim, podia,

mas não fugi
& nem consegui dançar com minhas longas pernas que me levaram direto para a cama dele

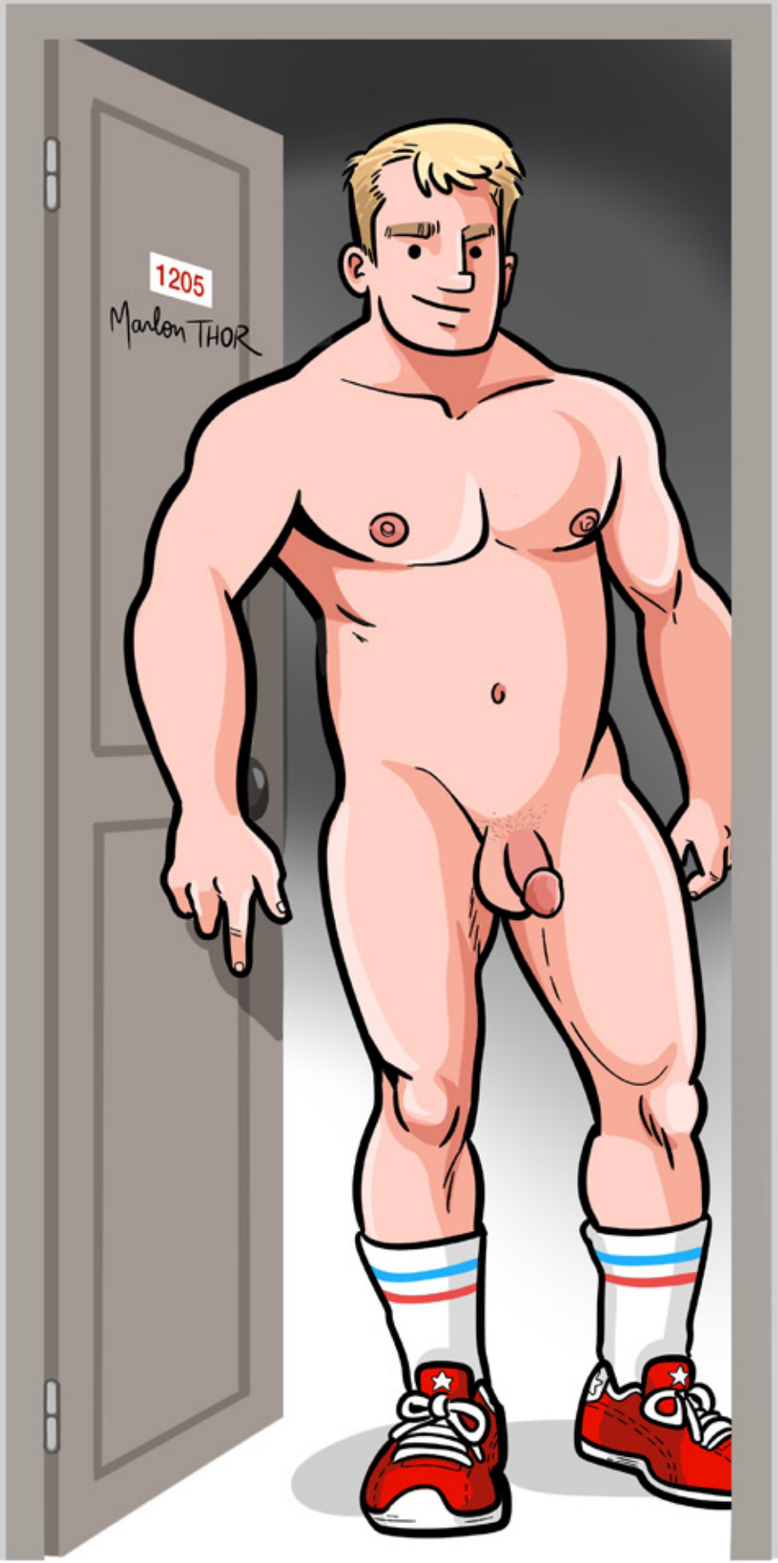
& ele gozou na minha boca & depois me preencheu toda com o seu pau grande de latino ladino & eu & sim & eu & o gozo dele todo dentro me invadindo & eu & sim & eu como se dançasse possuída de prazer & sim & ele & eu & sim

Sim

PERVERSÕES SEXUAIS

Macrogenitalismo:
Excitação causada por um
macrófalo (pênis muito grande)





FALO com VOCÊ

Por Rigle Guimarães

Psicólogo (CRP 122809/6) e Sexólogo

DESCARTANDO AS "PORRAS NEURÓTICAS"

Como seria se os encontros entre homens gays fossem vistos como espaços de cura, mistério, celebração e transformação ao invés de dates descartáveis onde muitos sentem-se impelidos a performar masculinidade, replicar aquilo que aprendeu no pornô ou projetar no outro expectativas, faltas, necessidades e angústias infantis? A gente se frustra e sente um vazio aflitivo após alguns dates porque essa fusão com o outro se assemelha a um depósito de "porras" neuróticas inconscientes.

Seria diferente se gozássemos fisica e simbolicamente sem cair em ideias moralistas, quadradas e conservadoras. Se vivêssemos o fetiche, a fantasia, o desejo e deixássemos pulsar a vida, sem ser dentro da lógica de consumo e descarte. Encontros mais significativos, sexuais ou não, precisam de mais consciência, presença em si e no outro, mais olho no olho e menos olho na tela, mais vulnerabilidade e menos armaduras.

Jung revela que a sombra é tudo aquilo que o ego não reconhece em si mesmo. No caso do homem gay, em uma sociedade que historicamente reprimiu o prazer homoafetivo, o vivenciamos como proibido, transgressor e oculto mas, por essas mesmas razões, ele também é carregado de força e potencialidade psíquica.

Viver é, sobretudo, algumas vezes, mandar a "normalidade" à merda: sair do script padrão, do ser desejado apenas para ser consumido, da juventude como única coisa a ser preservada, do envelhecimento como monstro substancial que vai nos devorar, do se domesticar para ser aceito pela heteronormatividade. Perseguir eternamente essas coisas não é viver, é morrer em vida.

Quando transcendemos vergonha, medo, culpa e homofobia internalizada não tem tanta importância se você prefere ser ativo, versátil ou passivo, se gosta ou não de penetração, se satisfaz mais em um encontro a dois ou uma suruba, uma relação aberta ou fechada. Todas as experiências são válidas, nenhuma exclui a outra e o que você sentir que é para si não te atormenta, porque não é sobre apreciar tudo, mas sobre sustentar no presente momento, aquilo que te faz bem.

Aprender a gozar a vida é cansativo e dá trabalho, mas ficar preso num ciclo eterno de reclamação, culpando o outro por tudo, adoece e cansa muito mais. Só se movendo para experiências reais descartamos as porras neuróticas do nosso depósito.

Imagem criada por IA.

FOTO DE HOMEM



O maior portal de **nu masculino** do Brasil.
www.**fotodehomem**.com

moNUmento



Modelo: *Walter.* Foto: *autorretrato.*



FALO

ISSN 2675-018X

falonart@gmail.com